**A LEITURA E ESCRITA SOB A ÓTICA DE UMA CRIANÇA AINDA NÃO ALFABETIZADA**

Mirella Giovana Fernandes da Silva

Universidade do Estado do Rio grande do Norte – UERN. [mirellagiovanaf@hotmail.com](mailto:mirellagiovanaf@hotmail.com)

Carla Michele da Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

[carla-1819@hotmail.com](mailto:carla-1819@hotmail.com)

Mariane de Oliveira Nolasco

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. [mariane.nolasco@hotmail.com](mailto:mariane.nolasco@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa tendo como objetivo identificar o nível de alfabetização e o conhecimento de portadores de textos comuns em nossa sociedade do sujeito entrevistado, que foi uma criança de quatro anos ainda não alfabetizada. Para aporte teórico realizamos uma pesquisa bibliográfica, estudando obras de autores como Emilia Ferreiro (2001) em sua obra “Reflexões sobre a alfabetização”, Ana Teberosky e Teresa Colomer (2008) em “Aprender a ler e a escrever, uma proposta construtivista”, Lluís Maruny Curto (2000) em “Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e ler” e entre outros, buscando compreender como a criança vê o mundo antes de ser alfabetizada e quais os níveis que ela passa antes de ser de fato alfabetizada, para entender melhor o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita nas crianças, para posteriormente podermos desenvolver um melhor trabalho pedagógico em nossas futuras salas de aula.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Fase Silábica; Portadores de texto.

**INTRODUÇÃO**

Tendo em vista as discussões realizadas na disciplina de Alfabetização e Letramento do curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN acerca da forma como a criança enxerga o mundo antes do processo de alfabetização, pensamos em desenvolver esta pesquisa, considerando a importância desta etapa da vida da criança em que seus saberes e conhecimento de mundo possuem grande relevância.

Portanto, nossa pesquisa tem como abordagem a qualitativa, buscando a interpretação de fenômenos e atribuição de significados (Prodanov 2013, p. 128) trazendo o relato de uma pesquisa de campo que ocorreu em uma escola do município de Mossoró-RN, rede privada de ensino, em um período de dois dias. A experiência se consistiu, principalmente, na aplicação de um roteiro de entrevista semiestruturada com uma criança de cinco anos e dois meses que se encontra no processo de alfabetização. A pesquisa realizada teve como objetivo, analisar em qual fase silábica a criança se encontra, e como a mesma identifica portadores de textos presentes em nossa sociedade atual, para posterior análise e discussão dos resultados, relacionando assim, com os autores que formam nossa base teórica.

Para conhecer mais sobre o processo da escrita da criança, foram adotados uma série de procedimentos, primeiramente, foram estudados os materiais de autores que discutem as “os níveis da escrita” como: Emilia Ferreiro (2001), Lluís Maruny (2000), entre outros, bem como, autores que trazem discussões acerca da leitura e letramento, como por exemplo, Corsino (2003).

Outra referência sobre as fases dos níveis da escrita a que recorremos, para auxílio na hora de realizar a entrevista foi um vídeo produzido pelo Ministério da Educação (MEC) em 2001 que fez parte de um programa de formação de professores alfabetizadores (PROFA)[[1]](#footnote-1). Segundo a Nova Escola (2010), o programa consistia em “um conjunto de entrevistas que vão lhe ajudar a compreender as ideias que as crianças constroem sobre a escrita antes de se tornarem capazes de estabelecer uma correspondência entre partes do falado e partes do escrito.”, isto é, antes da fonetização da escrita.

Além da utilização dos instrumentos supracitados, a pesquisa também se deu pela gravação do áudio da entrevista, em aparelho smartphone, para posterior descrição e análise. Após estudo de todos os suportes que detínhamos, aplicamos os roteiros de entrevista semiestruturada com a criança, sendo que, o primeiro deles consistia na prova do nome próprio e das quatro palavras, e o segundo na identificação dos portadores de texto. Por fim, com base na entrevista realizada e no referencial teórico estudado, analisamos a hipótese de escrita que o entrevistado estava, descrevendo rapidamente o porquê de considerarmos que ele está nesta fase, bem como, analisando a capacidade do mesmo de identificação de portadores de texto presentes em nossa sociedade.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

**Prova do nome próprio e das quatro palavras.**

O primeiro passo que optamos por tomar a início da pesquisa foi o de produzir roteiros de entrevistas semiestruturadas com o auxílio da professora mestra da disciplina de Alfabetização e Letramento do curso de Pedagogia – UERN. O primeiro roteiro que fizemos, intitulado “A prova do nome próprio e das quatro palavras”, consistia, a priori, em estabelecer um diálogo com a criança, fazendo com que ela ficasse à vontade e confortável em nossa presença, para responder os questionamentos seguintes. Após esse primeiro momento, deveríamos iniciar a entrevista entregando a ela cartões com o nome de 3 crianças incluindo o dela, para que identificasse qual era o seu, em seguida pedir para que a criança escreva o seu nome e em seguida ditaríamos para ela quatro palavras de mesmo valor semântico, sendo uma palavra polissílaba, outra trissílaba, dissílaba e monossílaba, posteriormente, formularíamos uma frase utilizando uma dessas palavras. Ao terminar a escrita, teríamos que fazer algumas perguntas para o entrevistado como, por exemplo, “De quantas letras precisará para escrever a palavra?” e “Como se lê essa palavra?”.

Portanto, após a produção dos roteiros, para iniciarmos nossa pesquisa, escolhemos uma escola privada do município de Mossoró-RN, da qual nos chamou atenção a turma de NIVEL IV. Ao visitarmos a escola fomos bem recebidas pela professora, explicamos o intuito de nossa visita e ela nos encaminhou para um aluno de cinco anos e dois meses, para que pudéssemos realizar a entrevista. Dirigimo-nos à biblioteca da escola e iniciamos uma conversa com a criança, que pareceu um pouco tímida de início, mas que foi sentindo-se mais confortável ao decorrer da conversa. Dialogamos sobre a escola, a professora, os colegas, a família dele, bichos de estimação e caminhões. Durante a conversa, apresentamos a ele três cartões, um escrito “Davi”, outro escrito “Higor” e outro “Heitor” (nome da criança) e pedimos que ele pegasse o cartão que estava escrito seu nome, nos primeiros trinta segundos, ele pareceu ficar em dúvida entre os dois cartões escritos “Higor” e “Heitor”, mas logo depois conseguiu identificar o seu nome.

Em seguida, oferecemos a ele uma caneta hidrográfica preta e pedimos que ele escrevesse, em uma folha de papel em branco, o seu nome, ele pareceu confiante e conseguiu escrevê-lo de forma clara, legível, sem faltar nenhuma letra, nem inverte-las:

C:\Users\JUEM\Desktop\NOME PROPRIO.jpg

Após a escrita do nome próprio, começamos a conversar sobre animais, perguntamos a Heitor se ele gostava de animais e qual era o seu preferido, ele nos contou que gostava de cachorros e pedimos que ele escrevesse no papel a palavra “cachorro”, porém, nesse momento, ele pareceu se sentir desconfortável e relatou que não sabia escrever, insistimos para que ele escrevesse do “jeitinho dele”, e depois de alguns minutos ele começou a escrever uma sequência de letras e acentos, quando terminou perguntamos o que ele tinha escrito e a resposta foi “cachorro”.

Prosseguimos com o roteiro de entrevista e ao longo da conversa, fomos perguntando se ele gostava de outros animais e pedimos para que ele escrevesse as outras três palavras “gafanhoto, sapo e boi”. Depois que escreveu “cachorro” e não recebeu nenhuma repreensão, Heitor pareceu confortável para continuar escrevendo e não disse mais que não sabia escrever, mas o fez livremente, e além dessas três, ele também falou que iria escrever “onça”. Na escrita das novas palavras, o processo foi o mesmo de “cachorro”, ele escreveu uma sequência de letras e acentos, indo do início do papel até o final.

Depois de escrever as quatro palavras, foi a vez de escrever a frase, escolhemos a palavra dissílaba “sapo” e com ela formulamos a frase: “O sapo caiu na lagoa” e ele começou a escrever uma sequência de letras como das outras vezes, com exceção de um pequeno espaço entre elas, formando assim, duas grandes “palavras”. Durante a escrita da frase, perguntamos a ele quantas letras ele iria utilizar para escrever a frase, e ele respondeu “Dez”, ao final, pedimos para que lesse o que havia escrito e ele disse que não sabia ler, pedimos para que ele nos dissesse o que tinha feito no papel, mostrando com o dedo onde estava cada palavra e ele respondeu “sapo, lagoa”, apontando duas vezes para o que tinha escrito.

**Análise da Prova do nome próprio e das quatro palavras.**

Ao analisarmos a entrevista feita com a criança, primeiramente percebemos que ela utiliza como referência a letra inicial de seu nome para identifica-lo, uma vez que ao colocarmos cartões com o seu nome e o nome de outra criança com a mesma letra inicial, ele pareceu ficar confuso em qual seria o seu, mas que no fim, ele conseguiu reconhecê-lo e fazer distinção com o nome da outra criança. Na hora de escrever o nome próprio, Heitor o fez de forma clara, sem omitir nenhuma letra, nem invertê-las.

Ao analisar as quatro palavras, percebemos que a grafia da criança entrevistada não está relacionada ao som convencional das letras, com exceção do nome próprio. Ao escrever as palavras dos animais, ele utiliza letras aleatórias, sendo que a grande maioria das letras que ele utiliza estão presentes em seu próprio nome:

C:\Users\JUEM\Desktop\NOME PROPRIO.jpg



Também percebemos que Heitor não faz relação do tamanho da palavra com o tamanho do animal real, uma vez que, “gafanhoto” e “onça” têm quase o mesmo tamanho. Heitor também não distingue as sílabas das palavras na hora de escrever, faz tudo junto e na hora de dizer o que escreveu, só bate uma vez com o dedo na folha.

A partir das análises feitas, veremos agora em qual hipótese silábica a criança entrevistada se encontra, tendo como base a pesquisa de Emília Ferreiro apontada por Oliveira (2009) sobre como ocorre o processo de aquisição da escrita pelas crianças:

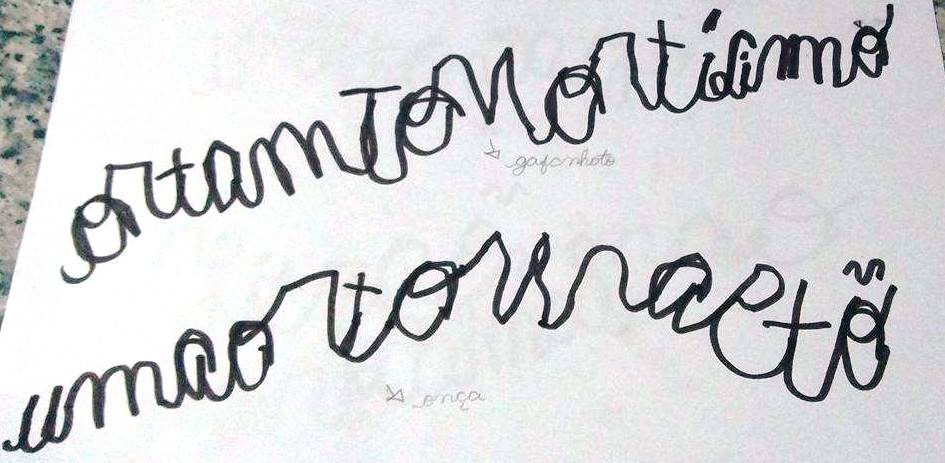
Nível 1 – Fase Pré-Silábica: Nesta fase, a criança usa os mesmos sinais gráficos para escrever tudo que deseja. b) Pré-silábica dois: Nesta subfase a criança já descobriu que coisas diferentes têm nomes diferentes. Assim, ela imprime diferenças nas grafias das palavras, às vezes, apenas mudando, a ordem das letras, quando possui poucos recursos gráficos. Nível 2 - Fase Silábica: Nesta fase a criança trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala, de modo que para ela cada segmento oral corresponde a um segmento escrito. Nível 3 - Fase Silábica Alfabética: Esta fase apresenta-se como uma transição entre a anterior, silábica, e a posterior, alfabética. Nível 4 – Fase Alfabética: É a escrita considerada correta, onde são colocados os fonemas de acordo com as normas da Língua Portuguesa. (FERREIRO, apud OLIVEIRA, 2009, p. 53).

A partir da fala de Ferreiro apud. Oliveira (2009), assumimos que a criança entrevistada está na fase pré-silábica dois, pois, demonstra intenção de escrever através de traçado linear, e entende que palavras diferentes necessitam de grafias diferentes, invertendo a ordem das letras nas palavras para fazer a distinção entre elas, mas utilizando quase sempre, as letras de seu próprio nome. Nesta fase, Heitor ainda não faz correspondência sonora com o que escreve, e as palavras escritas por ele, possuem uma significação individual, somente ele pode entender o que escreve.

Sabemos que ele já não está na fase um, pois utiliza signos diferentes na escrita de cada palavra, claramente distingue desenhos da escrita, e também já passou da fase de utilizar rabiscos e pseudoletras na tentativa de escrever. Heitor consegue diferenciar as letras e os números, não utilizando nenhum para escrever as palavras propostas, também diferencia as palavras pela ordem das letras, pela quantidade e variedade, mas ainda não chegou à fase da escrita silábica, onde, de acordo com Curto (2000) cada sílaba é representada por uma letra ou uma grafia, podemos ver quando ele escreve “sapo” e “boi”, respectivamente:



Percebemos também, de acordo com Curto (2000) que a criança entrevistada está na fase de escritas sem controle de quantidade. Nesta fase, as crianças estão cientes de que para se escrever alguma coisa necessita-se de signos especiais, que no caso de Heitor, são utilizadas as letras de seu nome completo, e algumas crianças consideram que estas escritas devem ocupar toda largura da página, como acontece também com a criança entrevistada, na escrita das palavras “gafanhoto” e “onça”, onde ele utiliza toda extensão da página para escrevê-las:



**Pesquisa sobre os portadores de texto**

O segundo roteiro de entrevista que desenvolvemos consiste no estudo sobre os portadores de textos, cujo objetivo é de compreender a concepção da criança entrevistada, dos portadores de texto que existem em nossa sociedade. A proposta é de levarmos dez portadores de textos e apresentarmos à criança, pedindo que ela pegue e entregue-nos determinado portador de texto quando solicitado, para assim percebermos se ela consegue identifica-lo, em seguida fazer perguntas como “Como você sabe que isto é um.,.”, “Para que serve?”, “O que você acha que está escrito nele?” e “Na sua opinião, para que serve ler e escrever?”.

Iniciamos esta entrevista no segundo dia da pesquisa, com a mesma criança da entrevista anterior, levamos os dez portadores de textos, que eram: uma embalagem de salgadinho Cheetos, uma embalagem de Biscoito Wafer de Limão, um cartão do parque de diversões de um shopping de Mossoró-RN, um encarte de supermercado, uma nota de dois reais, uma bula de remédio, um livro de literatura adolescente, uma conta de luz, um rótulo de leite Ninho e um receituário médico. Expomos todos estes portadores de textos na frente da criança e em seguida começamos os questionamentos.

Primeiramente pedimos que a criança nos desse o rótulo de leite Ninho, prontamente ele pegou e nos entregou, perguntamos como ele sabia que esse era o rótulo de leite Ninho ao que ele respondeu que sabia porque tomava o leite em casa e a mãe dele falava para ele que era leite Ninho, em seguida, pedimos que ele nos desse a bula de remédio, ele não entendeu o que queríamos, nós repetimos e ele correu os olhos e os dedos entre todos os portadores de texto, mas disse que não sabia qual daqueles era o que havíamos pedido. Pedimos então que ele nos desse o salgadinho e ele, rapidamente, nos entregou a embalagem do Cheetos, perguntamos como ele sabia que aquele era o salgadinho e ele respondeu que sabia porque comia e gostava, perguntamos o que estava escrito na embalagem e ele, percorrendo com os dedos, a palavra “Cheetos” que estava escrito na embalagem, respondeu “xi-li-to”.

Pedimos para que ele nos dissesse, dentre aqueles que tínhamos levado, os objetos que ele conhecia, ele respondeu que conhecia o biscoito de limão, o salgadinho, o leite Ninho, o dinheiro e o livro, pedimos para que ele nos dissesse para que serve ler e escrever e ele respondeu que não sabia, insistimos na pergunta, pedimos para que ele respondesse do jeito dele, e ele respondeu “para escrever os nomes e para ler as coisas que tem na rua”

**Análise da Prova da pesquisa sobre os portadores de texto.**

Ao finalizarmos esta segunda entrevista, concluímos que Heitor conhece somente os portadores de texto que estão em seu cotidiano e os que ele identificou melhor e mais rápido, foram aqueles que ele gosta, como por exemplo, o leite Ninho, e o salgadinho. Para identificar os portadores de texto, percebemos que Heitor recorreu ao formato, a cor e a familiaridade que ele tinha com o mesmo.

Portanto, constatamos que julgar que as crianças não alfabetizadas não fazem uso da leitura é pensar erroneamente. Corsino (2003) afirma que:

O letramento é um processo que tem início nos primeiros contatos da criança com a cultura letrada e tende a se estender ao longo de sua vida. Muito antes de levantar hipóteses sobre como se escreve, ao participar de eventos de letramento interagindo com diferentes textos, a criança começa a entender o que, por que, para que se escreve. (CORSINO, p. 46).

Sendo assim, o processo de aquisição da leitura pelas crianças começa a partir do momento que elas fazem as suas primeiras leituras de mundo, momentos esses que ocorrem no dia a dia delas, quando abrem um livro e interpretam o ato de ler, quando ouvem histórias e usam de sua imaginação para recontar, ou quando fazem leitura visual de um objeto por ser do seu convívio.

A partir da obra de Corsino (2003) vemos que Heitor, embora não esteja alfabetizado, consegue fazer uso da leitura para reconhecer os portadores de textos apresentados a ele, e os que ele não sabia, tentava imaginar e compreender para que serviam. Nessa perspectiva, Barbato apud. Muniz e Mitjánz (2013) evidencia que a ação de imaginar das crianças é um elemento utilizado por elas como parte das estratégias que desenvolvem quando estão no processo de aquisição da leitura e da escrita.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da pesquisa feita e dos textos estudados, percebemos que a aquisição da linguagem, tanto escrita como falada, é um processo, e que cada criança percorre-o de maneira diferente. Percebemos também que a escrita da criança não alfabetizada acontece de forma gradativa, passando por etapas e avançando níveis. Ao ler a obra de Teberosky e Ferreiro (2001) “Gênese da aprendizagem da língua escrita”, constatamos que em um primeiro nível, a criança utiliza muito de sua imaginação para escrever ou descrever uma palavra, fazendo uso de desenhos e signos que são entendidos apenas por elas mesmas, com o amadurecimento e a inserção delas no mundo das letras, as crianças acabam por substituir os desenhos e os signos pelas novas letras aprendidas, porém ainda sem valor sonoro e com significação individual.

Passando para terceira fase da aquisição da linguagem escrita, as crianças passam a escrever as palavras representando cada sílaba por uma letra, havendo correspondência sonora com as palavras e a escrita até chegar à fase alfabética onde há uma escrita correta, de acordo com as normas da Língua Portuguesa. Na parte prática do presente relatório, a pesquisa de campo e o roteiro de entrevista semiestruturada nos permitiu vislumbrar toda a conceituação teórica que estudamos com os autores, associando a teoria estudada à prática. Os instrumentos que utilizamos nos permitiu compreender todas as etapas da aquisição da escrita na realidade e identificar qual hipótese silábica a criança entrevistada está. Por fim, a pesquisa foi concluída de maneira satisfatória e atendeu aos objetivos propostos no início da atividade, de investigar a hipótese silábica de uma criança não alfabetizada e de analisar como ele identifica portadores de textos presentes em nossa sociedade.

Para nós, alunas do curso de Pedagogia, a pesquisa foi de grande relevância. Apesar de ser um processo complexo, a aquisição da leitura e escrita pelas crianças, revelou-se encantadora, um mundo de descobertas e um tanto curioso, ao percebermos que os resultados da pesquisa condiziam exatamente com as etapas apresentados na pesquisa de Emilia Ferreiro (2001). Conhecer e vivenciar o processo de aquisição da leitura e da escrita enquanto graduandas enriqueceu a nossa caminhada na graduação, compreender todas as etapas desse processo nos permite perceber que cada criança tem o seu ritmo, e que todas irão passar por todas as fases, e que nós, enquanto educadores, podemos ser mediadores deste caminho, conduzindo-as, mas respeitando cada etapa de aquisição da leitura e escrita.

**REFERÊNCIAS**

CORSINO, Patrícia. **Infância, linguagem e letramento: educação infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro** / Patrícia Corsino. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Educação, 2003.

CURTO, Lluís Maruny. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e ler.** / Lluís Maruny Curto, Maribel Ministral Morillo e Manuel Miralles Teixidó; trad. Ernani Rosa. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre a alfabetização.** / Emilia Ferreiro: Tradução Horácio Gonzales (et. al.), 24. Ed. Atualizada – São Paulo: Cortez, 2001 – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 14).

MUNIZ, Luciana Soares. MITJÁNZ, Albertina Martinez. **A aprendizagem da leitura e da escrita: análise da produção científica**. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/mirel/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/3273-12895-3-PB%20(1).pdf>. Acesso em: 14 de Outubro de 2018.

OLIVEIRA, Fabiane Lopes de. **O processo de leitura e escrita e suas implicações na aprendizagem dos alunos.** 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2946_1789.pdf> Acesso em: 09 de Maio de 2017.

TEBEROSKY, Ana. COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever, uma proposta construtivista.** Artmed, 2008.

1. Construção da Escrita: Primeiros passos <https://www.youtube.com/watch?v=NCo5ybibn5Q&t=104s> [↑](#footnote-ref-1)